

A IMPRENSA NACIONAL E SEU NOTAVEL DESENVOLVIMENTO

Reportagem de LEÃO PADILHA

Ha uns sete anos, tive oportunidade de visitar o velho edificio da Imprensa Nacional, na rua Treze de Maio e experimentei, então, uma forte impressão de desconforto, de balbúrdia e desas-seio. Os operários trabalhavam num ambiente que se pode chamar de lúgubre, sem o mínimo exagê-ro. Ali, a luz e o ar entravam com dificuldade. Dos interiores mais profundos do casarão, vinha um cheiro persistente de porão úmido, esse cheiro de bolor próprio das velhas casas abandonadas. As máquinas distribuíam-se sem nenhuma ordem, aumentando a impressão angustiosa de falta de espaço. Naquela ocasião, seria difícil, si não impossível, prever a transformação que ali se operou. Porque atualmente, a Imprensa Nacional, ainda no mesmo prédio, com as suas oficinas, as suas seções, as suas máquinas, o seu pessoal comprimidos num espaço ainda mais estreito e limitado, é uma coisa muito diferente. Entra-se e sente-se a presença do ar e da luz. Por todos os lados, foram abertos respiradouros e janelas. Desapareceu o cheiro de umidade. Não se encontra mais aquela tremenda desordem, porque as máquinas foram dispostas de maneira a facilitar uma produção racional, permitindo que o trabalho dê o máximo de rendimento.

O mais curioso de toda essa transformação é, todavia, a conquista do espaço. Outrora, o edificio avançava pela rua Treze de Maio, formando um ângulo agressivo na esquina com o Largo da Carioca. Para desafogar o tráfego, a administração municipal, em combinação com o Governo federal, tomou diversas medidas, entre as quais a demolição da parte avançada do prédio, ampliando o Largo da Carioca e tornando largo e desafogado o trecho da rua Treze de Maio que vai até Almirante Barroso. Durante a demolição ninguém viu sair do prédio nem uma única máqui-

na, e os trabalhos da Imprensa Nacional prosseguiram com todas as aparências de normalidade. Todas as seções que aí funcionavam, continuam funcionando. Como se teria dado o milagre da multiplicação de espaço num lugar onde a falta deste, justamente, constituia o mais sério problema a resolver?

Não houve, contudo, nenhum milagre. Visitando o velho edificio da Imprensa Nacional, a gente vê que tudo foi realizado com a máxima simplicidade. Grande parte das Oficinas de Planificação e Composição foi alojada em barracões levantados para os lados dos terrenos do antigo Teatro Lírico. E as demais seções foram comprimidas na parte do edificio que permanece de pé. Interveiu aí um admirável espírito de ordem e de organização. Tratava-se de acomodar tudo num espaço que fôra reduzido quasi à metade. Que fez a direção da Imprensa? Arrumou as seções burocráticas de modo inteligente, fazendo as divisões indispensáveis por meio de tabiques, deixando no local somente os móveis e objetos absolutamente necessários ao bom funcionamento dos serviços.

Quanto aos barracões, apresentam êles as características de higiene, claridade e segurança que se devem exigir aos abrigos de maquinismos que precisam ser resguardados contra a umidade e a intempérie. E assim funcionarão os serviços desse importante estabelecimento industrial do Governo, até que esteja terminada a construção do edificio novo e próprio que lhe está destinado.

Os dois prédios da Imprensa Nacional

Os serviços da Imprensa Nacional estão divididos em duas grandes oficinas que funcionam separadamente. A Oficina de Composição do Li-

vro acha-se localizada no velho prédio tradicional da rua Treze de Maio, a que estamos fazendo menção. A Oficina de Composição do Jornal tem sede no grande próprio oficial da Praça Marechal Ancora, no Calabouço.

Esse prédio fora cedido para instalação das oficinas da Revista do Supremo Tribunal Federal. Posteriormente, tais oficinas foram incorporadas à Imprensa Nacional e passaram a constituir a parte denominada de Composição do Jornal, onde, como o nome o indica, são compostos, impressos e expedidos todos os jornais oficialmente editados: o "Diário Oficial", o "Diário da Justiça", o "Diário Municipal", e que têm capacidade para produzir ainda mais.

As duas oficinas têm aspecto e organização absolutamente diversos. Na de composição do Livro, as máquinas são, em parte, antigas, o prédio é velho, a falta de espaço embaraça os melhores esforços em prol da racionalização. Na de Composição do Jornal, o trabalho é eficiente e racionalizado, porque o prédio foi adaptado para servir de sede à oficina e porque o maquinismo é, em sua quasi totalidade, do mais moderno que se poderia reunir. Enquanto esta pode oferecer todas as vantagens de uma organização industrial bem instalada, a outra apresenta as deficiências de um estabelecimento montado há muito tempo e cujos melhoramentos foram sendo efetuados lentamente, através de todas as dificuldades opostas pela incompreensão de sucessivas administrações públicas.

Na Oficina de Composição do Livro

Toda a parte burocrática da Imprensa Nacional funciona no velho prédio da rua Treze de Maio. Aí estão o gabinete do diretor, a Secretaria, a Divisão e Contrôlê, a Portaria, etc. Quanto às Oficinas de Composição do Livro, dividem-se elas em Oficinas de Gravura, Pautação, Encadernação, Lito-impressão, Plani-impressão, Composição Mecânica e Manual, Fundição, além da revisão própria, de uma pequena Oficina de Electricidade, do Almoxarifado, etc.

De um modo geral, essas oficinas trabalham com máquinas novas e velhas, em maior número as primeiras do que as segundas. É natural que haja um certo desequilíbrio na produção, devido ao fato de que, devendo trabalhar em conjunto para produzir harmonicamente, umas rendem mais e outras menos, tendo aquelas que esperar por estas. O problema, entretanto, não é

tanto de maquinismos, nem de trabalhadores, quanto de espaço.

A gravura da Imprensa executa todos os trabalhos que se desejam, desde o *cliché* comum de jornal até a gravura em talho doce, destinada às inscrições e desenhos em relêvo. Dispondo apenas de 12 homens e 12 máquinas diferentes, aí se trabalha em xilogravura, litogravura, talho doce e da zincogravura comum, isto é, grava-se em madeira, em pedra, aço, zinco, vidro, etc. Não obstante o número reduzido de empregados, executam-se nesta oficina todos os trabalhos de gravura. Eu vi, no momento em que percorria o velho casarão da rua Treze de Maio, trabalhadores gravando no zinco, por meio de processos químicos comuns, os *clichés* que se vulgarizaram na indústria jornalística; vi trabalhos em talho doce — cartões de visita, timbres, desenhos em relêvo — e vi um operário copiando, pacientemente, numa grande pedra, os pequenos traços e os relevos de um mapa geográfico.

Ao lado da gravura, funciona a oficina de pautação. O papel usado por grande número de repartições oficiais, obedecendo a diferentes modelos, devido à variedade de fins a que se destina, é preparado aqui, nesta estreita sala, onde se acham enfileiradas várias máquinas, semelhantes a pequenas rotativas, pelas quais entra o papel, folha a folha, saindo imediatamente, do lado oposto, com os riscos vermelhos ou pretos que se pretendeu obter. Maquinismo e pessoal mantêm em dia as encomendas do serviço público.

Na Oficina de Encadernação, confeccionam-se livros em branco e todos os volumes que saem da Composição. Ela poderia fornecer os livros usados para escrituração e outros fins em todas as repartições oficiais do país. Entretanto, seus serviços são utilizados somente por alguns departamentos oficiais. As máquinas não são nada novas. Mas a atividade não é muito grande aí. Já o mesmo não acontece na parte que trabalha na encadernação dos livros comuns. O operariado aí é, na maioria, composto de mulheres. São elas que movem as máquinas de grampear, de coser, de gomar, de fabricar envelopes. Todas estas máquinas estão distribuídas numa ordem impecável, de sorte que o trabalho de uma obra, à medida que vai andando, caminha sempre na mesma direção. Ao chegar ao fim da sala, está terminado. Daí vai direitinho para a expedição. É pena que as máquinas tenham sido adquiridas em épocas diferentes, de sorte que toda a produção não possa

surgir harmonicamente. O trabalho é muito intenso nesta secção da Oficina de Encadernação.

As Oficinas de Plani-Impressão e Composição estão localizadas no andar térreo. Não cabendo todas na parte do edifício que não foi atingida pela demolição, ocupam estas alguns barracões, provisoriamente. De todas, a que se encontra mais bem aparelhada, é a de Composição, onde funcionam 20 máquinas linotipos e monotipos com 6 teclados e 10 fundidoras. Os operadores são, em grande maioria, mulheres. E o serviço sai com ordem e rapidez. Na fundição, além do preparo do chumbo destinado às linotipos e monotipos, fabricam-se tipos de todas as espécies. Os processos não são dos mais modernos, nem dos mais rápidos. A parte em que está localizada, dá uma impressão de velhice e desconforto, e esta mesma impressão se estende às pequenas oficinas que se encontram colocadas nesta parte — a mais abandonada — velho prédio.

O pessoal

Quanto ao pessoal, confirmei uma antiga observação que já fizera em contato com o pessoal de outras repartições e serviços industriais do Governo. Em geral, a chefia das oficinas está confiada a mestres competentes e o operário técnico, quanto mais conhece o seu mister, mais se lhe dedica. Entretanto, esse pessoal é dos que menos razões têm para estar satisfeitos com seus ordenados. Ele se acha encaixado nos quadros junto com os escriturários, oficiais, porteiros, dactilógrafos, etc., percebendo vencimentos equiparados a determinadas classes burocráticas que, infelizmente, não são nunca das mais bem aquinhoadas. Ora, os técnicos de qualquer indústria percebem vencimentos privilegiados nas empresas particulares. De sorte que, lá dentro das repartições públicas, eles não podem deixar de comparar seus ordenados com os ordenados de colegas, muitas vezes menos competentes e menos capazes, que auferem muito melhores rendimentos nas empresas particulares. Outrora, essa diferença de vencimentos era compensada por outras vantagens de que os empregados do Governo gozavam e às quais os técnicos das organizações privadas não tinham direito: a estabilidade, a aposentadoria, o montepio. Mas as leis sociais estenderam essas vantagens a todas as classes de trabalhadores. De sorte que, nesse ponto, atualmente, os empregados de empresas particulares estão até mais

bem amparados do que os das empresas oficiais. A tendência, cá fora, é para melhorar sempre os ordenados dos técnicos, à proporção que avançamos no caminho do progresso industrial. Os que dão sua atividade às repartições do Governo não podem deixar de estabelecer comparações melancólicas nesse terreno. Por outro lado, dadas as condições que aí esboçamos, é inevitável que os técnicos moços e competentes considerem as ofertas que recebem das empresas particulares e as aceitem, desfalcando os quadros oficiais de bons elementos. Apesar de tudo isso, a Imprensa Nacional conta com um pessoal habilitado e que se compenetra da responsabilidade de suas funções, interessando-se vivamente pelo progresso do estabelecimento, cultivando as tradições da casa e esforçando-se por manter a moral e a cultura em nível elevado.

As Oficinas de Composição do Jornal

Desde a entrada, as Oficinas de Composição do Jornal nos põem em contato com uma grande empresa de publicações. Por todos os lados, milhares e milhares de bobinas de papel. Nunca vi tal quantidade de bobinas juntas. E continuavam a descarregá-las no pátio. E' que a Imprensa Nacional estava nas vésperas da inauguração de uma grande rotativa, uma reluzente Marinoni francesa do último tipo, cuja montagem se encontra na última etapa de trabalho. O papel a ser utilizado por essa nova máquina é de largura diferente da do papel que se emprega nas outras máquinas de impressão da Imprensa Nacional, razão por que o *stock* tem que ser duplicado para atender, ao mesmo tempo, aos dois pontos de consumo.

Todas as secções das Oficinas de Composição do Jornal estão bem montadas, servidas por pessoal habilitado e maquinismo moderno. 42 linotipos funcionam na grande sala central. De um lado e outro, arquivos, seção de fundição, seção de paginação, composição manual ou caixa. E mais para baixo, numa das alas do edifício, a oficina de roto-impressão, que no momento ainda utilizava duas pequenas rotativas, mas já se preparava para centralizar suas atividades em torno do monstro de aço que os mecânicos montavam trabalhosamente, ao lado.

O almoxarifado funciona no porão, um porão aseado e cheio de ar. Por toda parte, encontrei o mesmo aspecto: ordem, limpeza, agradável disposição. As atividades se acham mecanizadas a

um alto grau. Até a expedição se faz por processos mecânicos, utilizando máquinas especiais de impressão que funcionam com um arquivo de pequenas chapas de metal.

Os trabalhos correm, assim, rapidamente, de sorte que todas as tarefas que lhe são distribuídas se executam rigorosamente em dia.

No mesmo edifício, por outros pontos — porque se trata de um prédio imenso — funcionam diversas outras repartições oficiais. Mas a parte que acomoda as Oficinas de Composição do Jornal da Imprensa Nacional, sofreu pequenas adaptações, desde a ocasião em que seus maquinismos ainda pertenciam à Revista do Supremo Tribunal.

No que respeita a este departamento da Imprensa Nacional, a mudança para o prédio novo, cuja construção está em andamento, não representa uma necessidade angustiosa. Para as Oficinas de Composição do Livro, é, todavia, um problema tão importante quanto urgente.

Produção

Pelo que acima ficou dito, é fácil de concluir que, na indústria do jornal, a produção é satisfatória. Faltam algumas máquinas de curso rápido mas, ainda assim, com os elementos de que dispõe, esta parte da Imprensa Nacional, está tão bem aparelhada e produz em tão excelentes condições quanto as melhores indústrias particulares do país. Na indústria do livro, entretanto, as condições de produção parecem-me precárias, não obstante o esforço enorme da atual gestão administrativa para suprir as deficiências mais acentuadas. Ora, esta oficina tem a seu cargo trabalhos importantes e urgentes, de modo que só com um grande dispêndio de energia pode atender às obras de caráter mais imediato. Outros trabalhos de interesse evidente só podem ser executados, muito lentamente. As Leis só são publicadas em volume com dois anos de atraso. E ninguém ignora que as edições de vários anos passados acham-se esgotadas. As oficinas estão trabalhando na reprodução dessas edições esgotadas, mas o serviço vem se arrastando, de ano para ano, não se sabendo quando elas conseguirão concluí-lo.

O defeito principal reside nas deficiências da oficina de plani-impressão, que não dispõe nem de máquinas, nem de pessoal necessários, e, além do mais, luta com uma angustiosa falta de espaço. Apesar de tudo, o rendimento das oficinas, mesmo as de plani-impressão, é muito maior do

que era anteriormente e tende, agora, a melhorar cada vez mais.

Alguns dados ligeiros sobre a atividade das oficinas da Imprensa Nacional:

A tiragem de jornais, em 1936, era de 16.000 exemplares diários; em 1937, ela subiu a 16.550 exemplares.

Composição de linhas: 1936 — 11.691.871; 1937 — 12.509.158. Dessas linhas, em 1937, 1.347.932 foram para serviços particulares e 11.161.246 para os serviços oficiais. Em 1936, elas se acham assim divididas: 10.532.558 para o Governo e 1.159.313 para particulares. Incluímos aqui um diagrama dos serviços da Imprensa Nacional, no triênio 1935-37, o qual dá melhor idéia de sua produção. Ele se encontra no último relatório do diretor, engenheiro dr. Manuel Viterbo de Carvalho e Silva, ao Ministro da Justiça.

Finanças

A Imprensa Nacional é um dos poucos serviços públicos do país que dão saldo, razão maior para que sejam melhoradas suas instalações. Em 1937, a receita total foi de 17.458:631\$400 e a despesa de 12.794:771\$100, havendo, portanto, um saldo de 4.663:860\$300. Quanto ao orçamento da parte industrial, propriamente dita, exprime-se ele pelos seguintes números:

Receita industrial	16.784:531\$500
Despesa industrial	12.955:972\$700
Saldo	3.828:558\$700

A Imprensa Nacional pode, pois, viver exclusivamente da renda dos seus trabalhos, o que lhe dá o direito de aspirar a todos os melhoramentos necessários. Além da renda industrial, ela inclui nos seus orçamentos, no ano passado, 674:099\$900 dos impostos e taxas que lhe tocam: imposto de selo, imposto sobre todos os pagamentos, taxa de censura cinematográfica, montepio dos empregados públicos, etc.

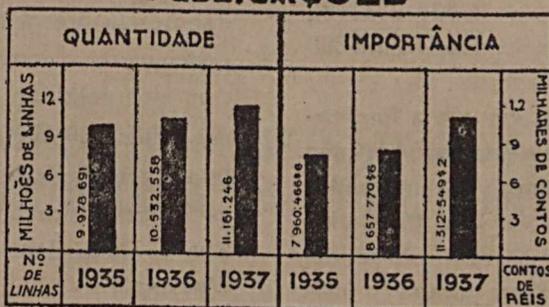
Examinando os resultados dos anos anteriores, verificamos que o *superavit* encontrado este ano no orçamento da Imprensa Nacional não constitui um fenômeno isolado, mas um fato constante. Estes os saldos desse estabelecimento desde 1930:

1930	52:064\$200
1931	915:494\$700

35/36/37.

PUBLICAÇÕES

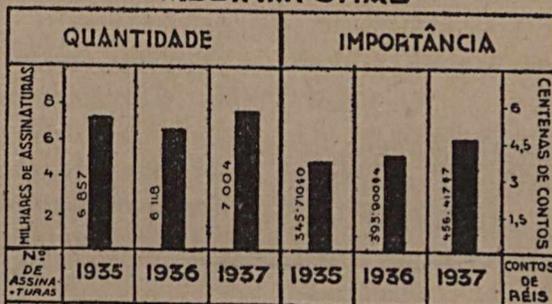
NO TRIÊNIO: 31.672.495
MÉDIA ANUAL: 10.557.498



NO TRIÊNIO: 27.930.78654
MÉDIA ANUAL: 9.310.2621

ASSINATURAS

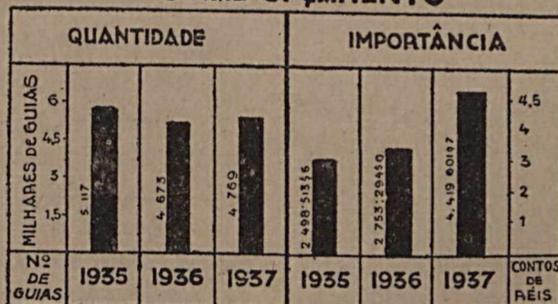
NO TRIÊNIO: 19.979
MÉDIA ANUAL: 6.659



NO TRIÊNIO: 1.196.0281
MÉDIA ANUAL: 398.6761

GUIAS-OPÇAMENTO

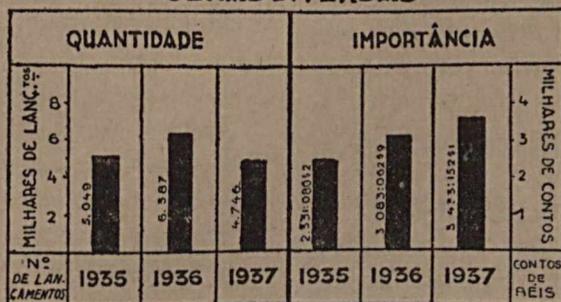
NO TRIÊNIO: 14.559
MÉDIA ANUAL: 4.853



NO TRIÊNIO: 9.670.80983
MÉDIA ANUAL: 3.223.6031

OBRAS DIVERSAS

NO TRIÊNIO: 16.227
MÉDIA ANUAL: 5.409



NO TRIÊNIO: 8.847.29582
MÉDIA ANUAL: 2.949.0981

Em-3-2-938.
L. Mendes Filho
CT.

1932	169:528\$600
1933/34 (15 meses)	904:032\$300
1934 (9 meses)	1.659:739\$800
1935	2.752:039\$000
1936	2.538:338\$800
1937	4.663:860\$300

Daí se conclue que, no dia em que a Imprensa Nacional dispuser do aparelhamento de que precisa, completandó, igualmente, o seu quadro de pessoal habilitado; no dia em que tiver uma séde condigna, em que todos os serviços se encontrem bem instalados e possam atingir o má-

ximo desenvolvimento; no dia em que, além dêsse reequipamento, ela puder contar com uma certa liberdade de movimentos, uma certa autonomia, indispensável a todo estabelecimento industrial que deseja preencher suas próprias finalidades — podemos ter a certeza de que ela realizará sozinha, com pontualidade e perfeição, todos os serviços de publicação da administração do Govêrno, em ótimas condições de economia, mantendo-se com as próprias rendas que seus serviços lhe fornecem e ainda dando bons saldos para o Tesouro Nacional.